

Guerra fria, religião e fundamentalismo religioso

Cold war, religion and religious fundamentalism

Rubem Almeida Mariano¹

RESUMO

Durante a Guerra Fria (entre Estados Unidos – EUA e União Soviética – URSS, entre 1947 e 1991), a influência religiosa dos EUA no Brasil e em outros países da América Latina foi evidente, com investimentos em ações de missionários e entidades religiosas fundamentalistas que apoiavam as agendas políticas e diplomáticas dos EUA. A disputa entre líderes religiosos do protestantismo brasileiro em relação à filiação ao Conselho Mundial de Igrejas – CMI, em 1964, refletiu o embate entre antiecumenismo e ecumenismo, assim como anticomunismo e comunismo. Enquanto alguns defendiam a não filiação, alegando inclinações socialistas e comunistas do CMI, outros argumentavam a favor da existência de espaço para diferentes sistemas políticos e econômicos dentro da comunidade cristã. O presente artigo mostra a necessidade de estudar a relação entre religião e Guerra Fria para compreender melhor as dinâmicas políticas e sociais desse período e a importância da presença de como se constituiu e se desenvolveu o fundamentalista religioso como pensamento importante nesse contexto.

PALAVRAS-CHAVES

Guerra Fria; Religião; Fundamentalismo religioso; Catolicismo e Protestantismo.

ABSTRACT

During the Cold War (between the United States – USA and the Soviet Union – USSR, between 1947 and 1991), the religious influence of the USA in Brazil and other Latin American countries was evident, with investments in actions of missionaries and fundamentalist religious entities that supported the political and diplomatic agendas of the USA. The dispute among Brazilian Protestant religious leaders regarding affiliation to the World Council of Churches – WCC in 1964 reflected the clash between anti-ecumenism and ecumenism, as well as anti-communism and communism. While some advocated for non-affiliation, citing socialist and communist inclinations of the WCC, others argued in favor of the existence of space for different political and economic systems within the Christian community. This article highlights

¹ Doutor em História pela Universidade Estadual de Maringá (UEM), mestre em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP), graduado em Teologia, Filosofia e Psicologia. Professor universitário, psicólogo clínico, terapeuta EMDR e assistente técnico pericial em Saúde Mental.

the need to study the relationship between religion and the Cold War to better understand the political and social dynamics of that period and the importance of the religious fundamentalist presence and how it constituted and developed as an important thought in this context.

KEYWORDS

Cold War; Religion; Religious fundamentalism; Catholicism and Protestantism.

Nada mais legítimo, nada mais constantemente salutar do que centrar o estudo de uma sociedade em um de seus aspectos particulares, ou, melhor ainda, em um dos problemas precisos que levantam este ou aquele desses aspectos: crença, economia, estrutura das classes ou dos grupos, crises políticas.²

Introdução

Os tempos mudaram e as Ciências Sociais e Humanas concordam que a religião ainda exerce influência nas sociedades modernas cartesianas, lockeanas e comtianas. Friedrich Nietzsche, a partir da máxima: “Deus está morto”³, argumentou que o avanço da ciência e da razão (mundo sensível) tornou a crença em um Deus transcendental (mundo supra-sensível) cada vez menos plausível.⁴ Rubem Alves, por sua vez, afirmou com o mote: “Deus morreu, viva Deus”⁵, ou seja, que mesmo com a “morte de Deus”, a religião continuava, paradoxalmente, presente na sociedade moderna.

Por meio da ciência História, é possível compreender os fundamentos ideológicos dos agentes sociais religiosos presentes na sociedade, como o fundamentalismo religioso, que tem impactos na vida social e política da modernidade. Método em História como a história como problema em diálogo com a teoria de campo da Sociologia, são essenciais para identificar e analisar esse tipo de fenômeno. O exemplo mais recente, a ascensão e a ocupação da extrema-direita política entre os evangélicos, no Brasil, com o bolsonarismo liderado por Jair Bolsonaro como defensor de pautas fundamentalistas e conservadoras, em detrimento das políticas públicas sociais-democráticas.

O movimento fundamentalista religioso teve sua origem nos Estados Unidos na década de 1920, como uma forma de reafirmar o cristianismo protestante ortodoxo diante das pretensões científicas da modernidade.⁶ Suas características incluem a crença na infalibilidade das

² BLOCH, Marc. *Apologia da História ou o Ofício de historiador*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001, p. 30.

³ Nietzsche, F. *Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 137-138.

⁴ HEIDEGGER, Martin. A sentença nietzschiana “Deus está morto”. *Natureza humana*, São Paulo, v. 5, n. 2, p. 471-526, dez. 2003. p. 471. Heidegger destaca que a frase “Deus está morto” de Nietzsche leva a uma reflexão sobre a essência do niilismo, que surge como consequência da desconstrução da metafísica ocidental. Nietzsche, ao questionar a existência do suprasensível, acaba por desestabilizar as bases da metafísica tradicional, deixando-a sem possibilidade essencial. Isso leva a uma inversão na qual o suprasensível se transforma em um mero produto do sensível, e a diferença entre os dois conceitos é abolida. Com isso, Heidegger sugere que a abordagem de Nietzsche representa um estágio final da metafísica ocidental, que não permite a vislumbre de outras possibilidades.

⁵ CABRAL, Alexandre Marques. Para além da morte de Deus: variações sobre impiedade e blasfêmia em Rubem Alves. *Numen: revista de estudos e pesquisa da Religião*, Juiz de Fora, v. 25, n.1, p. 25-42, jan/jun. 2022. p. 30.

⁶ CUNHA, C. A. M. Fundamentalismo à brasileira: perfil e enfoque do Protestantismo de Missão no Brasil. *HO-RIZONTE – Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião*, v. 18, n. 57, p. 1137-1161, 31 dez. 2020. p. 1140.

escrituras religiosas, rejeição de interpretações alternativas da fé e intolerância em relação a outras crenças religiosas. De maneira mais precisa, o fundamentalismo é uma reação religiosa contra a modernidade, enfatizando a preservação da identidade religiosa acima de tudo e rejeitando a ciência e as mudanças sociais. Durante a Guerra Fria, o fundamentalismo religioso foi usado como estratégia política para promover posições extremistas em nome da Fé Cristã, contando com a conivência de líderes religiosos no Brasil durante a Ditadura Militar, principalmente após a decretação do AI-5.⁷

1. Primeiras palavras

A Guerra Fria foi um conflito global que envolveu as superpotências dos EUA e da URSS de 1945 a 1991. Este conflito teve repercussões extensas nos 5 continentes e foi caracterizado por disputas intensas e confrontos ideológicos entre os dois blocos. Durante este período, eventos significativos, como a conferência de Ialta e a dissolução da URSS, foram decisivos, conforme Westad⁸, Leffler⁹ e Munhoz.¹⁰

Em 1964, houve um golpe civil-militar no Brasil com apoio dos EUA, evidenciando a influência americana na América Latina durante a Guerra Fria. A presença dos EUA no cenário internacional impactou diversas áreas¹¹, como política, economia, cultura e religião, em países como o Brasil. Durante a Guerra Fria, o protestantismo brasileiro teve um papel significativo, sendo um elemento fundamental nas dinâmicas do conflito e suas consequências em várias sociedades.

Os EUA utilizaram a religião, especialmente o protestantismo, em suas ações expansionistas e na luta contra o comunismo e o ateísmo, associando essas ideologias à ameaça às igrejas cristãs de maneira sistemática e ao seu valores fundamentais. Conforme Leffler¹² a retórica contrária ao Comunismo de Truman ressoava profundamente na política americana, com diversos grupos fundamentalistas e conservadores alertando sobre a ameaça representada por comunistas, ateus e defensores do *New Deal*. Isso levou muitos republicanos e democratas do sul a apoiarem uma política externa internacionalista, mesmo enquanto se preocupavam com a expansão soviética globalmente. No Brasil, tanto a Igreja Católica quanto as igrejas protestantes foram atingidas por essas concepções religiosas de orientação fundamentalista.¹³ Um bom exemplo foram os investimentos governamentais e financeiros feitos em ações de missionários

⁷ MARIANO, Rubem Almeida. *A conduta do posicionamento político da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil contra os direitos políticos, sociais e humanos, após a decretação do AI-5, durante o Governo Médici (1969-1974)*. Maringá, PR, 475 f. Tese de Doutorado – Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Departamento de História, Programa de Pós-Graduação em História, 2024, p. 357.

⁸ WESTAD, Odd Arne. *The Global Cold War. Third World interventions and the making of our times*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007, p. 18.

⁹ LEFFLER M. P. “The emergence of an American grand strategy, 1945–1952”. In: LEFFLER, Melvyn; WESTAD, Odd Arne (ed). *The Cambridge History of the Cold War*. New York: Cambridge University Press, 3 v., 2010, p. 82.

¹⁰ MUNHOZ, Sidnei J. *Guerra Fria: História e Historiografia*. Curitiba, Appris, 2020, p. 21.

¹¹ KIRBY, D. *Religion and the Cold War*. Série: Cold War History, Palgrave Macmillan UK, 2003, p. 1.

¹² LEFFLER, 2010, p. 76.

¹³ MAAR, H. Reviewed – Philip Muehlenbeck, *Religion and the Cold War: A Global Perspective*. Published on H-Soz-u-Kult, February, 2013, p. 3.

e entidades religiosas fundamentalistas que apoiavam as agendas políticas e diplomáticas dos EUA, evidenciando a influência religiosa exercida pelos EUA na América Latina e no Brasil.

2. A importância das pesquisas sobre Religião e Guerra Fria

Estudos recentes sobre a relação entre religião e Guerra Fria¹⁴ têm destacado a importância desse aspecto na compreensão dos conflitos e das alianças durante esse período. A religião desempenhou um papel significativo nos conflitos ideológicos e culturais entre os EUA e a URSS, moldando as percepções de um fundamentalismo religioso maniqueísta do “Bem” e do “Mal” e influenciando as políticas externas dos países envolvidos.¹⁵

Especificamente no campo da História, observa-se que há grupos de estudos, como a da historiadora Dianne Kirby, uma especialista sobre o tema Religião e Guerra Fria, do Departamento de História, *Trinity College Dublin*, da Irlanda. Em artigo publicado com o título: *The Roots of the Religious Cold War: Pre-Cold War Factors*¹⁶, ela afirmou que já havia um consenso acadêmico, a partir do início do século XXI, da presença de uma dimensão religiosa da Guerra Fria e que esse fenômeno era global, multifacetado e multi-religioso. A mesma historiadora organizou o livro *Religion and the Cold War*, publicado em 2003, e diversos outros trabalhos e artigos publicados sobre a temática.¹⁷

Nesse livro, em sua apresentação, Kirby chega a fazer questionamentos sobre a falta de atenção dos historiadores sobre a díade “Religião e Guerra Fria” e da maneira como o tema é tratado, como sendo uma temática de importância secundária ou um subtema.¹⁸ Ela chega a fazer uma lista das possíveis razões ou motivos que poderiam justificar os comportamentos ou atitudes dos historiadores, tais como: falta de interesse ou de investimento sobre o assunto por organismos de pesquisa; os pesquisadores sendo de universidades seculares, sem tradição nas pesquisas sobre o tema da religião, dentre outros. Quem também corroborava com essa crítica de Kirby era Maar¹⁹, revisor do livro coordenado por Muehlenbeck, em 2012, que afirmava que o papel das religiões no resultado da Guerra Fria era compreendido como um subcampo crescente, mas ainda esquecido na historiografia das relações exteriores americanas.

Nesse ponto ainda, Kirby²⁰ compreende que a história da Guerra Fria permanecia fortemente contestada, mesmo com acesso a arquivos, os quais a crítica historiográfica os considera

¹⁴ A exemplo dos estudos realizados por Dianne Kirby do Departamento de História, Trinity College Dublin, da Irlanda, no livro que coordenou em 2003: “Religion and Cold War” e em 2018, em artigo especializado: “The Roots of the Religious Cold War: Pre-Cold War Factors”, bem como o livro de Philip Muehlenbeck e colaboradores (2012): “Religion and the Cold War – A Global Perspective”, que advogam a importância política da religião nos conflitos entre os países durante a Guerra Fria.

¹⁵ A religião atua como uma lente interpretativa, destacando a Guerra Fria como um embate entre forças do “Bem” e do “Mal”. Neste contexto, as superpotências investiram em simbolismos religiosos, conforme aponta John Lewis Gaddis. A competição entre EUA e União Soviética foi permeada por essa concepção, evidenciando a carga ideológica e simbólica presente no confronto. Assim, a religião emerge como uma possibilidade hermenêutica para compreender os conflitos e rivalidades da época.

¹⁶ KIRBY, D. *The Roots of the Religious Cold War: Pre-Cold War Factors*. *Social Sciences*, MDPI, Open Access Journal, vol. 7(4), p. 1-17, April. 2018.

¹⁷ KIRBY, D. *Religion and the Cold War*. Série: Cold War History, Palgrave Macmillan UK, 2003.

¹⁸ KIRBY, 2003, p.2

¹⁹ MAAR, 2013, p.4

²⁰ KIRBY, 2018, p.5

ainda inacessíveis. Contudo, a temática da religião havia mostrado resultados interessantes. Como a importância, por exemplo, da influência política da religião no confronto, durante a Guerra Fria, entre EUA e URSS, aliados e os raios de ação dos dois blocos de poder. Nesse confronto, afirma Kirby²¹ que havia um consenso no mundo – porque não dizer no Brasil também, acrescento – em que o primeiro era compreendido como a personificação do “Bem”, enquanto o segundo, a do “Mal”. Ambos os termos, assim, tinham contornos religiosos.

Tal concepção era atestada, segundo Kirby²², por John Lewis Gaddis, que já havia concluído que a Guerra Fria foi uma competição entre o bem e o mal. Por isso, ela também chega a seguinte conclusão sobre o uso da religião pelo EUA na Guerra Fria: a Guerra Fria foi uma das maiores disputas ideológicas da história, marcada pelo confronto global um conflito global “entre os tementes a Deus e os ímpios”. Durante esse tempo, o cristianismo foi empregado por líderes e propagandistas do Ocidente como uma ferramenta contra o comunismo, com os Estados Unidos sendo o principal beneficiário dessa estratégia; nesse sentido o cristianismo não foi apenas utilizado como uma estratégia de guerra psicológica, os líderes da Igreja não eram simplesmente “massa de manobra” em uma jogada política, mas sim participantes ativos. Suas congregações não eram apenas alvos de propaganda, pois para muitos milhões de pessoas a fé religiosa é o centro de suas vidas. Isso pode ser observado com relação a atuação da Igreja Católica e do Papa Pio XII nos primeiros anos da Guerra Fria e seu impacto no meio protestante, por exemplo, do Brasil.²³

Outra referência que se traz para esta reflexão sobre religião e guerra fria é o livro coordenado por Philip Muehlenbeck e colaboradores: *Religion and the Cold War – a Global Perspective*, como o nome da obra sugere. Há diversos trabalhos envolvendo vários temas e países, todos relacionados ao tema da religião e guerra fria. Nesse livro, os trabalhos sobre o tema Religião e Guerra Fria apresentam um formato mais amplo: enquanto Kirby²⁴ organizou trabalhos relacionados ao universo cristão a partir de uma leitura americana e eurocêntrica, com Muehlenbeck e colaboradores²⁵, observam-se trabalhos num universo mais diversificado de religiões e de autores, com atenção não somente para o cristianismo, mas também para o islamismo, o budismo e o ateísmo. Muehlenbeck e colaboradores defendem a seguinte tese: a religião teve influência nas políticas da Guerra Fria de países em todo o mundo.²⁶

Nesse livro, coordenado por Muehlenbeck²⁷, há um capítulo de autoria de Iain S. Maclean, um outro especialista sobre a temática, que tem o seguinte título: *Brazil: Nation and Churches during the Cold War*. O texto trata a influência estadunidense no Brasil, durante o regime militar. Ressalta os conflitos ocorridos entre católicos durante o período da Guerra Fria: entre os defensores dos ideais religiosos estadunidenses contra os teólogos da libertação, frei Leonardo Boff e Frei Betto. A disputa girava em torno dos defensores do fundamentalismo religioso estadunidense e dos defensores de uma teologia com influências marxistas e socialistas.

²¹ KIRBY, 2018, p.6

²² KIRBY, 2003, p.1

²³ KIRBY, 2018, p. 9.

²⁴ KITBY, 2003, p. 1.

²⁵ MUEHLENBECK, P.E. *Religion and the Cold War: A Global Perspective*. Nashville, TN: Vanderbilt University Press, 2012, p. 2.

²⁶ MUEHLENBECK, 2012, p. 2.

²⁷ MUEHLENBECK, 2012, p. 3.

Esta disputa de narrativas se refletia nos discursos, nos posicionamentos e nas ações das igrejas e dos fiéis, influenciando diretamente a visão que a sociedade tinha da religião e da política. Por um lado, as igrejas protestantes conservadoras, alinhadas com a visão norte-americana, pregavam a defesa dos valores tradicionais, da moral e da família, combatendo tudo o que consideravam como uma ameaça à ordem social e religiosa. Por outro lado, as igrejas protestantes liberais, influenciadas pelo pensamento progressista, apoiavam causas sociais, a luta pelos direitos humanos e a justiça social, muitas vezes se envolvendo em movimentos de cunho socialista ou marxista.

Assim é o que se depreende de Barreto Junior²⁸, quando ele informa que nas décadas de 1950 e 1960 alguns setores da Igreja Católica no Brasil – ligados à direção da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) e a grupos de Ação Católica – AC, não-majoritários, assumiram posições de apoio a lutas populares e às injustiças sociais, contudo a Igreja, como instituição, também se mantinha atuante e forte opositora ao Comunismo. Barreto Junior²⁹ afirma sobre as igrejas evangélicas: “na sua maior parte, até meados do século XX, os evangélicos brasileiros continuavam a imitar nações consideradas protestantes, tais como Inglaterra e Estados Unidos, como paradigmas a serem seguidos”.

Essa disputa se tornou conflitiva também no campo da representação internacional das igrejas cristãs protestantes já por volta de 1948. De um lado, com a criação do Conselho Mundial de Igreja (CMI) – de linha ecumênica e mais liberal teologicamente e, do outro lado, o Conselho Internacional de Igrejas Cristãs (CIIC) – de linha conservadora e fundamentalista.³⁰ Na prática, o primeiro Conselho foi acusado de abrigar o comunismo e defender ideias socialistas e marxistas, sendo assim associado ao mundo soviético, enquanto o segundo defendia os valores conservadores e fundamentalistas do cristianismo anunciados pelos Estados Unidos com seu “estilo de vida americano”, marcado pela defesa do capitalismo liberal e da democracia.

Por fim, análises contemporâneas a esse cenário mostram a religião como um elemento político e social de grande importância durante a Guerra Fria. A influência dos EUA e de organizações religiosas americanas fundamentalistas se mostrou significativa, com visões anti-comunistas e apocalípticas sendo difundidas no Brasil e em outros países como parte de uma estratégia maior no contexto da bipolarização ideológica do mundo a favor das forças estadunidenses nesse período.³¹

²⁸ BARRETO JUNIOR, R. C. O Movimento Ecumênico e o Surgimento da Responsabilidade Social no Protestantismo Brasileiro. *Numen: revista de estudos e pesquisa da religião*, Juiz de Fora, v. 13, n. 1 e 2, p. 273-323. 2011. Disponível: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/numen/article/view/21824>.

²⁹ BARRETO JUNIOR, 2006, p. 62.

³⁰ MENDONÇA, A. G. O protestantismo no Brasil e suas encruzilhadas. *Revista USP*, São Paulo, n. 67, p. 48-67, setembro/novembro 2005, p. 53; QUADROS, E. G. Sem lenço, sem documento e com uma Bíblia nas mãos: o movimento estudantil evangélico nos anos sessenta. *HORIZONTE*, Belo Horizonte, v. 10, n. 26, p. 385-398, abr./jun. 2012. p. 391.

³¹ RODEGHERO, C. S. Religião e patriotismo: o anticomunismo católico nos Estados Unidos e no Brasil nos anos da Guerra Fria. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 22, nº 44, p. 463-488 2002, p. 470.

3. O fundamentalista religioso como ação política nas instituições religiosas no Brasil durante a Guerra Fria

A Guerra Fria teve impacto no Brasil não apenas em termos sociais, políticos e religiosos, mas também na produção acadêmica sobre o conflito. Pesquisas e estudos historiográficos brasileiros mostram essa influência. A presença da religião na Guerra Fria, especialmente as concepções do fundamentalismo religioso, é um tema importante na produção acadêmica e científica. Aborda-se a seguir duas referências importantes que destacam a relação entre Religião e Guerra Fria e seus efeitos no contexto brasileiro.

3.1. O caso das Testemunhas de Jeová

A dissertação de mestrado de Eduardo Góes de Castro, intitulada *A torre sob vigia: as Testemunhas de Jeová em São Paulo (1930-1954)*, investiga a presença das Testemunhas de Jeová em São Paulo durante o período de 1930 a 1954.³² As Testemunhas de Jeová foram acusadas de propagandear diversas ideologias, como nazismo, fascismo, anarquismo e comunismo. O estudo também destaca a atuação das Testemunhas de Jeová em questões como a não prestação de serviço militar obrigatório, não saudação de símbolos nacionais e não transfusão de sangue, além de seu proselitismo anticlerical. O autor também discute a relação dessas acusações com o contexto da Guerra Fria e apresenta achados conceituais e historiográficos relacionados ao tema. Ao final, o texto busca relacionar esses elementos ao tema e à perspectiva abordada no artigo.

Castro³³ entende a religião no sentido de uma ação política e destaca as ações expansionistas dos Estados Unidos como uma “ponta de lança de um projeto de império” durante a Guerra Fria. Ele aborda a Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados, nome jurídico das Testemunhas de Jeová no Brasil e uma igreja de influências cristãs dos EUA, que entre 1940 e 1947 teve publicações confiscadas, membros presos e seu registro de atividades proscrito no país. Castro menciona um artigo de autoria de Walter Lippmann, considerado pelo autor como um dos teóricos do “expansionismo norte-americano do século XX”. Esse artigo encontra-se na revista *Reader's Digest*. O autor compreendia que recuperaria o sentido de missão e a ideia de “povo eleito” (os Estados Unidos), demonstrando a persistência destes ícones no imaginário norte-americano, tão caros a seu projeto expansionista, ainda mais em tempos de guerra; outrossim afirma Walter Lippmann, conforme Eduardo Castro³⁴: “A América é enfim chamada a fazer aquilo que os fundadores e pioneiros sempre acreditavam ser a grande tarefa do Novo Mundo: fazer deste lugar onde a antiga fé pudesse reverdecer e florir, e a sua eterna promessa enfim ser redimida”.

Castro³⁵ entende a influência política da religião na formação e constituição do comportamento do povo americano e seus desdobramentos no pós-guerra na perspectiva de que a liberdade política desempenhou um papel fundamental na instauração da democracia na América,

³² CASTRO, E. G. *A TORRE SOB VIGIA – As Testemunhas de Jeová em São Paulo (1930-1954)*. 173 f. Dissertação em História Social, São Paulo: USP, 2007, p. 98.

³³ CASTRO, 2007, p. 138.

³⁴ CASTRO, 2007, p. 137.

³⁵ CASTRO, 2007, p. 142.

sendo a religião um dos principais pilares dessa liberdade. Através da religião, foram estabelecidos costumes e valores morais que guiaram o comportamento do povo norte-americano na construção de uma república democrática. Esses valores permearam diversas esferas da cultura do país, especialmente durante e após a Segunda Guerra Mundial. Será no período pós-guerra, com a reorganização da geopolítica mundial, que os resultados dessa empreitada serão colhidos.

Frente a esse imaginário benéfico e benevolente culturalmente dos valores religiosos e civis americanos fundamentados e construídos a partir do Destino Manifesto, o Comunismo soviético era apresentado como perigo iminente. Uma grande ameaça. Não somente à vida religiosa cristã e seus valores, mas também aos fundamentos do modo de vida americano (*american way of life*). Carla Rodeghero³⁶ destaca a preocupação dos americanos em relação ao comunismo durante a Guerra Fria e como o governo federal atendeu às demandas desse eleitorado, aprovando leis de fidelidade e controle para os comunistas. Ela ressalta que, para muitos, não era apenas uma questão nacional, mas sim uma ameaça global, colocando em risco os valores universais e a ordem mundial.

Nesse contexto, o comunismo foi demonizado e associado ao Diabo, sendo considerado o grande inimigo de Deus e do desenvolvimento da civilização humana. Para combater essa ameaça, as autoridades e agências religiosas americanas financiaram a produção e distribuição de literaturas com mensagens apocalípticas e milenaristas, buscando alertar as pessoas sobre os perigos da ideologia comunista. Esse cenário de medo e tensão também impulsionou o crescimento de seitas e igrejas que pregavam o fim do mundo e a chegada do Juízo Final, como forma de se preparar para o Armagedon. Essas narrativas influenciaram fortemente o imaginário religioso e político da época, alimentando a cisão entre os EUA e a União Soviética durante a Guerra Fria.³⁷

Neste contexto, Antonio Gouvêa Mendonça³⁸ destaca o papel do cenário internacional da Guerra Fria em alimentar o sentimento antiecumênico e anticomunista nas igrejas, sob o pretexto de uma suposta guerra de dois mundos. Organizações como o *Institute on Religion and Democracy* – IRD surgiram para resistir à influência progressista de organizações cristãs ecumênicas, como o *National Council of Churches*, especialmente em relação à América Central e à Teologia da Libertação. O IRD, próximo ao governo Reagan, tinha uma agenda política específica de combate a essas correntes e atuava em conjunto com o Departamento de Estado.

A partir de Castro³⁹, pode-se concluir que a religião não é apenas uma questão espiritual, mas possui um importante papel político e social, influenciando diretamente na organização e legitimidade das estruturas de poder em uma sociedade. A partir de Mendonça e Castro pode-se analisar a relação entre religião e política, perceber como a religião pode ser utilizada como instrumento de dominação e controle, reforçando hierarquias e interesses de determinados grupos. É crucial entender essa dinâmica para compreender melhor as complexidades das relações sociais e políticas em diferentes contextos históricos e culturais.

³⁶ RODEGHERO, C. S. *O Diabo é Vermelho: Imaginário Anticomunista e Igreja Católica no Rio Grande do Sul, 1945-1964*. Passo Fundo: Ediupf, 1998, p. 89.

³⁷ CASTRO, 2007, p. 8.

³⁸ MENDONÇA, 2005, p. 50

³⁹ CASTRO, 2007, p. 155.

3.2. O caso da Igreja Presbiteriana Independente do Brasil⁴⁰

Os conflitos no campo religioso protestante em 1964 refletiram os posicionamentos políticos e ideológicos da época, marcados pelo contexto da Guerra Fria e pela polarização entre o anticomunismo e o comunismo. No caso da Igreja Presbiteriana Independente do Brasil, a recusa em se filiar ao Conselho Mundial de Igrejas evidenciou a resistência de parte da liderança da IPIB em relação a ideias consideradas socialistas ou comunistas, bem como a resistência ao ecumenismo, que era visto como uma ameaça à ortodoxia e à pureza da fé cristã. A controvérsia revelou as tensões e divisões internas dentro da comunidade protestante brasileira diante dos desafios e mudanças de um mundo globalizado e em constante transformação.

O tema foi amplamente debatido na seção dos artigos de opinião, de maio a outubro, a tal ponto que um dos leitores do jornal solicitou, em dado momento, através de uma reclamação publicada, no dia 31 de outubro, com o título: “Polêmicas que escandalizam”, que não houvesse mais publicações sobre o tema, por causa do tom acalorado dos debatedores.⁴¹ Os editores concordaram e a partir da edição seguinte, de novembro em diante, não houve mais debate sobre a matéria, pelo menos em 1964, sobre a filiação da IPIB ao CMI. Os principais nomes que debatiam foram os pastores Antonio de Godoy Sobrinho, responsável pelo Instituto João Calvino, no Paraná, e 2º Secretário da Mesa Administrativa do Supremo Concílio, e Cyro Machado, professor no Seminário Teológico, em São Paulo. Este contrário, e o primeiro, a favor.

No artigo “A Igreja Presbiteriana Independente do Brasil e o Conselho Mundial de Igreja”, Antonio de Godoy Sobrinho⁴² informou que abordaria o tema com o objetivo de debater e examinar a matéria sobre a filiação da IPIB no CMI. Ele questionou inicialmente dois artigos de Cyro Machado publicados no ano anterior, em 1963, nos meses de outubro e novembro.

Cyro Machado⁴³ afirmou que a maioria dos líderes na IPIB foi equidistante ao tema, apesar de haver grupos interessados, entre os quais, para ele, foram os missionários e os nacionais; classificou o CMI como um movimento ligado a uma corrente teológica modernista; que a Igreja Católica Romana foi inflexível; que acolhia Igrejas ortodoxas ritualistas; que a maioria das igrejas brasileiras foi avessa a esse tipo de teologia e eclesiologia apresentado e advogado pelo CMI. Contudo, o que me interessa ressaltar, de maneira especial sobre a posição desse pastor, refere-se ao comunismo: ele afirmava que o CMI tinha inclinações socialistas e, na realidade, fazia o jogo do comunismo materialista. Mais: o CMI foi dominado pelos comunistas e não ouvia as vozes daqueles que discordavam das posições simpáticas que a entidade tinha para com o comunismo. Por fim, entendia Cyro Machado: “e assim, a Igreja sem ser de fato comunista, está a cooperar inconscientemente com o comunismo”⁴⁴. Antonio de Godoy⁴⁵, por sua vez, questionava não somente os argumentos, mas, principalmente, a legitimidade das fontes, porque Cyro Machado chegava a conclusões equivocadas, pois utilizava documentos não oficiais da própria entidade e fontes suspeitas. E ressaltou, ainda, a questão de o debate não ser realizado no campo teológico, mas político, com fortes

⁴⁰ FREDDI, S. P. Editorial: O País tem novo Presidente. In: *O Estandarte*. São Paulo: 15-30 de abr. de 1964, p. 2.

⁴¹ *O Estandarte*, 31 de outubro de 1964, p. 6.

⁴² *O Estandarte*, 30 de maio de 1964, p. 7.

⁴³ *O Estandarte*, 31 de outubro de 1963, p. 8.

⁴⁴ *O Estandarte*, 15-30 de novembro de 1963, p. 9.

⁴⁵ *O Estandarte*, 30 de maio de 1964, p. 7.

influências, principalmente da imprensa estadunidense, que entendia como sendo prejudicial para o bom entendimento sobre a matéria.

Antonio de Godoy abordou a questão do comunismo no contexto do Conselho Mundial de Igrejas, refutando a ideia de que a entidade estivesse sendo influenciada por visões socialistas ou comunistas, conforme seu opositor afirmava. Ele destacou que a Assembleia de Amsterdam de 1948 não fez defesa oficial nem do comunismo nem do capitalismo, reconhecendo que ambos os sistemas políticos podem coexistir com a vida cristã. O CMI, segundo Godoy, vai além das divisões políticas do mundo e se posiciona contra governos que violam direitos humanos e restringem a liberdade de consciência. Apesar disso, busca manter comunhão com igrejas e cristãos de todas as partes do mundo, evitando categorizar o mundo em dois campos durante a Guerra Fria.

No artigo publicado no dia 31 de julho, em comemoração ao aniversário de fundação da IPIB, por Cyro Machado respondeu às críticas de Godoy Sobrinho em relação ao Conselho Mundial de Igrejas. Machado questionou a parcialidade de seu opositor, que era a favor do CMI, afirmando ser defensor do Capitalismo, enquanto o CMI tem inclinações socialistas. Ele alertou para a influência do Governo de Moscou em instituições como o CMI, através dos Ortodoxos Russos, e em países como o Brasil, porém ressaltou que a intervenção do movimento revolucionário impediu tal influência no país. Machado ainda levantou a questão sobre a presença de padres e evangélicos ‘espiritualistas’ a serviço do comunismo materialista no Brasil, destacando a importância da vigilância contra tal influência.

Nessa mesma linha, Machado, em seu último artigo, *Razões do meu silêncio*, do dia 31 de outubro, apresentou a causa do silenciamento em relação a este tema: “Do interior chegam-lhe notícias do mal-estar que vem causando aos humildes irmãos que, além de desconhecem o assunto, não irão se pronunciar sobre ele. Aos meus queridos irmãos, os seus respeitos”. E assim o fez, contudo, antes, apresentou o que pensava sobre o tema e sobre seu opositor, Antonio de Godoy. Não aceitava a narrativa de Antonio de Godoy, o qual, para ele, foi simpático aos “ídólatras ortodoxos” e repudiava os fundamentalistas e não se colava na esteira dos ecumenistas autênticos por não aceitar o diálogo amplo, mas Antônio de Godoy foi seletivo; assim Machado afirmava: “Os ecumenistas da estirpe do colega, à semelhança dos comunistas, apelam objetivamente para o diálogo. Subjetivamente, porém, são pelo monólogo”⁴⁶. Outrossim, Machado acusava Godoy Sobrinho de, além de não defender um ecumenismo autêntico, utilizar métodos de debate como os comunistas. Desta forma, o debate sobre o tema que mais foi às páginas de “O Estandarte” terminava, ao meu modo de ver, dentro do espírito do momento em que passava o Brasil: em um parágrafo curtíssimo, Machado faz a seguinte afirmação categórica: “Ponto final”⁴⁷. Não obstante, registro, por fim, as últimas considerações do artigo escrito por Antonio de Godoy; nesse artigo, ele não fez nenhuma menção ao incômodo dos leitores, como fez Machado, e finalizou o artigo com a seguinte sentença em relação ao seu opositor: “E continua às ordens!”⁴⁸. Possivelmente expressando o desejo de debater a matéria mais vezes.

Sobre esse assunto, Watanabe⁴⁹, ao analisar os cenários mundiais, locais e institucionais da época, afirma que a Guerra Fria reconfigurou a geopolítica mundial nos anos 1950, com o

⁴⁶ *O Estandarte*, 31 de outubro de 1964, p. 6.

⁴⁷ *O Estandarte*, 31 de outubro de 1964, p. 6.

⁴⁸ *O ESTANDARTE*, 30 de setembro de 1964, p.4.

⁴⁹ WATANABE, T. H. B. Caminhos e Histórias: A Historiografia do Protestantismo na Igreja Presbiteriana do Brasil. *Revista de Estudos da Religião*, n. 1, p. 15-30, 2005. p. 28.

socialismo avançando em várias partes do globo. No Brasil, o movimento estudantil e a cultura artística eram politizados, enquanto o cenário religioso passou por rearranjos significativos. A teologia da libertação e o fundamentalismo protestante marcaram o cenário teológico global.

Assim, a religião passou a ser utilizada como instrumento político na luta ideológica entre os Estados Unidos e a União Soviética durante a Guerra Fria. A Igreja Católica e as igrejas protestantes se posicionaram a favor do bloco americano, baseando-se em valores conservadores e fundamentalistas, e contrários a tudo que representasse o comunismo e o socialismo. Compreendendo essas ideologias como uma ameaça aos valores religiosos e familiares, a religião se juntou politicamente aos Estados Unidos para combater o avanço soviético. Nesse contexto, a religião não apenas influenciou a opinião pública, mas também desencadeou ações políticas que influenciaram os rumos do confronto entre as potências mundiais.

Considerações finais

A utilização da religião pelos EUA – sob o espírito do fundamentalismo religioso – como instrumento político durante a Guerra Fria demonstrou como questões ideológicas e religiosas podem se entrelaçar e influenciar diretamente os conflitos internacionais. Em vez de ser apenas uma questão de fé e crença, a religião se tornou uma arma política poderosa nas mãos dos Estados Unidos – berço dos movimentos e das elaborações do fundamentalismo religioso – e de seus aliados, tendo um papel significativo na construção de alianças e na determinação de inimigos em potencial. Assim, a religião, principalmente, sob a ótica do fundamentalismo religioso estadunidense não esteve apenas alimentando um modo de ser religioso como se fosse apenas um aspecto missiológico ou cultural, mas se constituiu como um fator determinante na dinâmica geopolítica da época.

No campo religioso cristão brasileiro, a polarização ideológica da Guerra Fria contribuiu para a divisão da sociedade em grupos antagônicos, dificultando o diálogo e a cooperação entre os diferentes setores da sociedade, que se faz sentir até aos dias de hoje. Mesmo após o fim da Guerra Fria em 1991, essas divisões e polarizações – que alimentam penamentos e movimentos fundamentalistas religiosos – ainda persistem no Brasil, influenciando o debate público e as relações sociais e políticas tão necessários para todo um povo.

Referências

- BARRETO JUNIOR, R. C. O Movimento Ecumênico e o Surgimento da Responsabilidade Social no Protestantismo Brasileiro. *Numen: revista de estudos e pesquisa da religião*, Juiz de Fora, v. 13, n. 1 e 2, p. 273-323, 2011. Disponível: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/numen/article/view/21824> Acessos em 10/02/2024
- BLOCH, Marc. *Apologia da História ou o Ofício de historiador*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- CABRAL, Alexandre Marques. Para além da morte de Deus: variações sobre impiedade e blasfêmia em Rubem Alves. *Numen: Revista de estudos e pesquisa da Religião*, Juiz de Fora, v.25, n. 1, p. 25-42, jan/jun. 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/numen/article/view/39361/25131>. Acesso em 19/02/2024.

- CASTRO, E. G. *A TORRE SOB VIGIA – As Testemunhas de Jeová em São Paulo (1930-1954)*. 173 f. Dissertação em História Social, São Paulo: USP, 2007. Disponível: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-02012008-102727/pt-br.php>. Acesso em 23/02/2024
- CUNHA, C. A. M. Fundamentalismo à brasileira: perfil e enfoque do Protestantismo de Missão no Brasil. *HORIZONTE – Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião*, v. 18, n. 57, p. 1137-1161, 31 dez. 2020. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/23696/17877> Acessos em 06/04/2024. Acesso em 15/03/2024.
- FREDDI, S. P. Editorial: O País tem novo Presidente. In: *O Estandarte*. **São Paulo: 15 e 30/04/1964**. Disponível em: https://drive.google.com/drive/folders/1zJ_K_KOZnU5unL-rraR9DC19WFzJEF676R Acesso em 4/03/2024
- HEIDEGGER, Martin. A sentença nietzschiana “Deus está morto”. *Natureza humana*, São Paulo, v. 5, n. 2, p. 471-526, dez. 2003. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-24302003000200008&lng=pt&nrm=iso . Acesso em 5/03/2024.
- KIRBY, Dianna. The Roots of the Religious Cold War: Pre-Cold War Factors. *Social Sciences*, MDPI, Open Access Journal, vol. 7(4), p. 1-17, April. 2018.
- KIRBY, Dianna. *Religion and the Cold War*. Série: Cold War History, Palgrave Macmillan UK, 2003.
- LEFFLER M. P. “The emergence of an American grand strategy, 1945–1952”. In: LEFFLER, Melvyn; WESTAD, Odd Arne (ed). *The Cambridge History of the Cold War*. New York: Cambridge University Press, 2010. 3 v.
- MAAR, H. Reviewed – Philip Muehlenbeck. *Religion and the Cold War: A Global Perspective*. Published on H-Soz-u-Kult, February, 2013.
- MARIANO, Rubem Almeida. *A conduta do posicionamento político da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil contra os direitos políticos, sociais e humanos, após a decretação do AI-5, durante o Governo Médici (1969-1974)*. 475 f. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Departamento de História, Programa de Pós-Graduação em História, 2024.
- MENDONÇA, A. G. O protestantismo no Brasil e suas encruzilhadas. *Revista USP*, São Paulo, n. 67, p. 48-67, setembro/novembro 2005. Disponível: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/13455>. Acesso em 15/03/2024.
- MUEHLENBECK, P. E. *Religion and the Cold War: A Global Perspective*. Nashville, TN: Vanderbilt University Press, 2012.
- MUNHOZ, Sidnei J.; ROLLO, José Henrique. Détente e détentés na época da Guerra Fria (décadas de 1960 e 1970). *Esboços – Revista do Programa de Pós-Graduação em História da UFSC*, Florianópolis, v. 21, n. 32, p. 138-158, out. 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/esbocos/article/view/2175-7976.2014v21n32p138>. Acesso em 07/02/2024
- MUNHOZ, Sidnei J. Ecos da emergência da Guerra Fria no Brasil (1947-1953). *Diálogos*, Maringá, v. 6, p. 39-57, 2002. Disponível: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/Dialogos/article/view/37763> Acesso em 10/03/2024.
- MUNHOZ, Sidnei J. *Guerra Fria: História e Historiografia*. Curitiba, Appris, 2020.
- NIETZSCHE, F. *Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

- O ESTANDARTE da Igreja Presbitério Independente do Brasil, Pendão Real: São Paulo, 15-30 de novembro de 1963.
- O ESTANDARTE da Igreja Presbitério Independente do Brasil, Pendão Real: São Paulo, 30 de maio de 1964.
- O ESTANDARTE da Igreja Presbitério Independente do Brasil, Pendão Real: São Paulo, 30 de setembro de 1964.
- O ESTANDARTE da Igreja Presbitério Independente do Brasil, Pendão Real: São Paulo, 31 de outubro de 1964.
- QUADROS, E. G. Sem lenço, sem documento e com uma Bíblia nas mãos: o movimento estudantil evangélico nos anos sessenta. *HORIZONTE*, Belo Horizonte, v. 10, n. 26, p. 385-398, abr./jun. 2012 – ISSN: 2175-5841. Disponível: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/P.2175-5841.2012v10n26p385>. Acesso em 19/02/2024
- RODEGHERO, C. S. *O Diabo é Vermelho*: Imaginário Anticomunista e Igreja Católica no Rio Grande do Sul, 1945-1964. Passo Fundo: Ediupf, 1998. Disponível em: https://books.google.com.br/books/about/O_diabo_%C3%A9_vermelho.html?id=IolaAAAAMAAJ&redir_esc=y. Acesso em 25/02/2024,
- RODEGHERO, C. S. Religião e patriotismo: o anticomunismo católico nos Estados Unidos e no Brasil nos anos da Guerra Fria. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 22, nº 44, pp. 463-488 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbh/a/tM4btpprcSKfZTJQDTwj99t/?lang=pt>. Acesso em 22/02/2024,
- WATANABE, T. H. B. Caminhos e Histórias: A Historiografia do Protestantismo na Igreja Presbiteriana do Brasil. *Revista de Estudos da Religião*, n. 1, p. 15-30, 2005. Disponível: https://www.pucsp.br/rever/rv1_2005/p_watanabe.pdf . Acesso em: 25 de fev. 2024.
- WESTAD, Odd Arne. *The Global Cold War. Third World interventions and the making of our times*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

Submetido em: 10/04/2024

Aprovado em: 25/11/2024